

volume

19

Dezembro/2013

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



ATHAYDES RODRIGUES: POLÍTICA E LUTA OPERÁRIA EM RIO GRANDE

Mário Augusto Correia San Segundo¹

Resumo: Este artigo é um ensaio biográfico a respeito do militante operário rio-grandino Athaydes Rodrigues. Ele foi vereador e capitão reformado da Brigada Militar do RS, e ao se envolver com a política fez uma opção pelo apoio ao movimento operário que atuava fortemente na cidade portuária. A trajetória de Athaydes chamou a atenção por não ter este se filiado aos dois grupos políticos predominantes no cenário operário local, os comunistas e os trabalhistas. Como vereador, esteve envolvido na mobilização operária contra a carestia do custo de vida em 1952, momento em que é preso, acusado de ser um dos principais organizadores da greve geral realizada em agosto. Momento de conflito intenso que resultou na morte de operários e um estudante, durante uma manifestação pela liberdade dos presos. Em 1964, após o golpe civil-militar, Athaydes é preso e levado ao Navio Oceanográfico Canopus, usado como prisão para os opositores, atracado na barra de Rio Grande. Por ser oficial da Brigada Militar, foi encaminhado para Porto Alegre, episódio narrado em seu livro de memórias, que compõem o conjunto das fontes primárias analisadas neste artigo. Durante a realização de uma pesquisa maior sobre os trabalhadores de Rio Grande, a fim de estudar referenciais teóricos sobre a produção biográfica e autobiográfica, desenvolveu-se este artigo, que agora é apresentado pela primeira vez como mais uma faceta do movimento operário das décadas de 1950 e 1960 em Rio Grande.

Palavras-chave: Athaydes Rodrigues; Biografia; Movimento Operário; Rio Grande.

Introdução

No presente texto se pretende realizar um ensaio biográfico a respeito de Athaydes Rodrigues. Ele foi capitão da Brigada Militar do RS e vereador na cidade de Rio Grande. Ao se envolver com a política, fez uma opção pelo apoio ao movimento operário que atuava fortemente na cidade portuária. A trajetória de Athaydes chamou atenção por não ter este se filiado aos dois grupos políticos predominantes no cenário operário local, os comunistas e os trabalhistas. Como vereador, esteve envolvido na mobilização operária contra a carestia do custo de vida em 1952, momento em que é preso, acusado de ser um dos principais organizadores da greve geral realizada em agosto. Momento de conflito intenso que resultou na morte de operários e um estudante, durante uma manifestação pela liberdade dos presos. Em 1964, após o golpe civil-militar, Athaydes é preso e levado ao Navio Oceanográfico Canopus, usado como prisão para os opositores, atracado na barra de Rio Grande. Por ser oficial da Brigada Militar, foi encaminhado para Porto Alegre, episódio narrado em seu livro de memórias, que compõem o conjunto das fontes primárias analisadas.

1 Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha - Campus Alegrete. Mestre em História pela UFRGS. mario@iffarroupilha.edu.br

Serão estudados elementos da vida pública do biografado, no intuito de se produzir informações para discorrer sobre alguns itens teóricos sobre biografias, assim como o de construir uma percepção diferenciada a respeito deste personagem que esteve em meio ao movimento operário rio-grandino a partir da década de 1940, em meio a um período muito conturbado que é analisado em outros trabalhos (SAN SEGUNDO, 2012). Não é objetivo a realização de uma biografia de Athaydes, principalmente devido os limites deste trabalho, mas sim a construção de uma visão do meio em que se encontrava o biografado através dele, e não do biografado através do meio, como se este fosse um resultado lógico do tempo em que vivia.

No entanto não se pretende isolar um destes pólos como se algum deles fosse o mais correto para analisar a história, mas apenas buscar outros olhares para o mesmo objeto. Como afirma Benito Schmidt, sobre a relação indivíduo e sociedade:

Penso que o historiador-biógrafo não deve procurar resolver esse problema optando por um dos 'pólos', o do indivíduo ou o da sociedade, mas sim adotando estratégias narrativas que estabeleçam uma permanente tensão entre o personagem e os constrangimentos/possibilidades de sua época. (SCHMIDT, 2004, p.137)

Para realizar a análise sobre o tema é preciso levar em consideração também a afirmação de Sabina Loriga, que, ao diferenciar a biografia heroica da coral, lança uma reflexão capaz de servir para o caso. Ele alerta para o fato de que o biografado pode não ser representativo de nada, mas apenas um em meio a um ambiente repleto de particularidades e talvez com algumas sintonias.

[...]a biografia coral concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso na inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, 'façam' eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder. (LORIGA, 1998)

Carlos Rojas também pensa esta questão, afirmando que a relação do indivíduo com o contexto é parte constitutiva e orgânica do contexto. Está dentro, contribui para sua formação. O indivíduo não é um ser pronto, e nem o contexto, estes dois são mais complexos.

"[...] o que temos como núcleo problemático a decifrar por parte da empresa histórico-biográfica é um nó de dinâmicas complexas que correlacionam o indivíduo com seu respectivo contexto, dinâmicas que longe de reduzir-se a uma simples linha que vai e vem, se apresentam melhor como uma rede múltipla de vinculações em termos horizontais e verticais, de inserção deste indivíduo dentro do contexto." (ROJAS, 2000, p.35)

Ainda sobre esta tensão entre indivíduo e contexto, que talvez seja o principal tema a ser observado neste texto, Giovanni Levi afirma que

Na verdade nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente de manipulação ou interpretação da regras, de negociação. A meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. (LEVI, 1996, p.179-180)

As fontes primárias utilizadas para construção do texto são: um livro escrito por Athaydes na ocasião de sua prisão em 1964, mas só publicado em 1980; uma entrevista concedida, pelo mesmo, a outros pesquisadores; uma representação elaborada pelos familiares das vítimas da repressão policial da greve geral de 1952; e jornais periódicos de Rio Grande.

Quanto ao uso de depoimentos do próprio biografado e de um livro de memórias como fonte primária, cabe lembrar das observações de Pierre Bourdieu (1996) a respeito da “ilusão biográfica”, pois as pessoas tendem a narrar sua vida, assim como as suas opções, como se elas fossem fruto de escolhas coerentes com um projeto de vida previamente definido, bem estruturado e imóvel. Quando se narra a história de vida, normalmente busca-se dar coerência, um sentido geral, para as ações do indivíduo. Porém, para o autor, isso pode não passar de uma “ilusão retórica”, que o historiador deve buscar identificar e romper. Não se fará neste texto uma análise de uma possível “ilusão biográfica” nos escritos de Athaydes, mas se salientou esta questão como maneira de elaborar uma precaução, para também não se cometer este corriqueiro erro na própria elaboração deste texto.

Um “Capitão” na política rio-grandina

Quando se está falando de uma “faceta” pública de um biografado, sempre se corre o risco de cair em um estilo biográfico tradicional, de uma biografia que exalte os “feitos” do biografado e ao mesmo tempo trate a história de forma acrítica. Isso contraria tendências atuais da biografia histórica, e, o que parece mais adequado, uma biografia construída na busca da resposta de problemas historiográficos (SCHMIDT, 2006; LORIGA, 1998).

Porém, o que se busca é através da análise inicial da vida política e pública de Athaydes, construir uma abordagem alternativa da história da esquerda na cidade de Rio Grande, em meio ao ambiente operário. Para Loriga, nas abordagens biográficas feitas por alguns historiadores de homens públicos e que tratam do tema da política

Não existe nostalgia para com a história política tradicional; bem ao contrário,



na maior parte dos casos, a biografia é empregada como um meio para realizar um conhecimento diferente, alternativo, antiautoritário do passado; às vezes, até como uma maneira de mudar a sociedade. (LORIGA, 2003, p.29)

Athaydes Rodrigues começou a envolver-se com política partidária quando se aposentou da Brigada Militar, momento em que foi promovido a capitão, entre os anos de 1942 e 1943. Ele já estava morando em Rio Grande naquele momento (RODRIGUES, 1982).

Isso ocorreu quando teve a iniciativa e ajudou a fundar o diretório local do Partido Republicano (PR), por volta de 1947. Para ele, o centro do programa do PR, naquele momento, deveriam ser a liberdades democráticas, o fim da carestia do custo de vida e a paz mundial entre os povos. Formaram uma frente de pessoas com interesses bastante diversificados, pois dentro do partido, segundo Athaydes Rodrigues (1980, p.30), “não poderia haver discriminação”, o que abriu a possibilidade de participação inclusive dos comunistas no recém fundado PR.

Foi candidato a vereador pelo PR, eleição em que obteve a primeira suplência na legislatura de 1952 a 1956. No mesmo ano de 1952, Athaydes assumiu a vereança no lugar de Antonio Rechia, que era o vereador titular. Rechia era comunista e fora baleado em 1º de maio 1950 durante uma manifestação, o que o deixou paralítico.

Quanto as suas opções ideológicas, em meio a um movimento operário e político hegemonicamente trabalhistas e comunistas, ele se dizia independente. Na década de 1950, esteve próximo dos comunistas, pois se empenhou na oposição ao governo local e estadual, dominados pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Porém, não se pode afirmar que tenha sido um deles.

Já no começo da década de 1960, passou a dialogar mais com os trabalhistas, quando participou da Campanha da Legalidade e depois da defesa do governo de João Goulart. Neste momento, se autodefinia como nacionalista e partidário das “reformas estruturais” (possivelmente se referindo às Reformas de Base propostas por Jango) assim como era a favor das encampações das refinarias de petróleo particulares (RODRIGUES, 1980, p.27)

Quanto à sua não participação no PCB, pode-se deduzir que é verdade, pois nunca foi tratado como membro do grupo. Em 1964, no Inquérito Policial Militar (IPM) a que respondeu, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do Rio Grande do Sul, não conseguiu apresentar nenhuma prova de seu envolvimento com os comunistas, apesar de Athaydes ser vigiado desde 1952 (segundo declarações de seu principal delegado na região) (O Tempo, 13/12/1952). Não há provas oficiais, como sua ficha de filiação, e nem gravações de suas falas em comícios e transcrições das seções da Câmara

de Vereadores. Na declaração final do IPM, o coronel encarregado, José de Souza Antunes, afirma “a pedido do interessado [...] que não há qualquer prova de que o referido oficial tenha sido algum tempo ou seja filiado ao extinto Partido Comunista (RODRIGUES, 1980, p. 168).

Em 1960, foi eleito vereador titular, sendo preso em 1964 e afastado do cargo. Retornou meses depois junto à bancada do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), na qual exerceu mandatos consecutivos até 1982, chegando inclusive ao cargo de Presidente do Legislativo Municipal.

O episódio de sua prisão após o golpe civil-militar de abril de 1964 também pode ajudar a perceber melhor as opções de Athaydes frente à política. Na cidade de Rio Grande, o comando militar demorou alguns dias para começar a tomar alguma atitude em relação aos opositores. Isso ocorreu por motivos de indefinições do comando central sobre a ação em cidades do Interior.

Essa demora abriu a possibilidade de fuga para todos aqueles que estavam envolvidos em atividades de apoio ao governo derrubado, principalmente os trabalhistas e os comunistas. Ao que tudo indica não houve maiores resistências contra o golpe em Rio Grande. Apenas se pode encontrar nos jornais referências efêmeras a respeito de uma tentativa falha de greve geral, puxada pelos comunistas, que, logo ao perceberem a dificuldade de realização de qualquer atividade diante do que viria, retiraram suas principais lideranças da cidade.

Em meio a isso, Athaydes, então vereador, optou por permanecer em sua casa mantendo sua rotina de sempre, que incluía ir todos os dias na Câmara de Vereadores para o exercício de suas atividades políticas, como se nada estivesse ocorrendo. A justificativa que deu para sua opção foi a de se achar na obrigação de ficar na cidade para defender o mandato que parte da população havia lhe “confiado”, além disso, parecia se achar a salvo pelo fato de não ter se envolvido com atividades mais radicalizadas e pelo fato de em caso de prisão, ficaria sob custódia da Brigada Militar, por ser oficial desta, e não do exército, o que lhe daria uma certa garantia de vida.

No dia 7 de abril, chegou a hora de sua prisão. Sua casa foi cercada, por volta das 18 horas, em uma operação militar que mobilizou mais de cinquenta homens. Athaydes os recedeu de pijama em sua sala, lhes convidou para um café, com a nítida intenção de demonstrar aos militares o quanto ridícula era toda a encenação para prender uma pessoa já de idade avançada e que havia demonstrado que não ofereceria resistência alguma, pois não havia sequer se escondido das autoridades. Em suas memórias, o autor comenta, com um certo tom de ironia, que

Minha prisão fora um acidente banal. O comandante da praça, depois de ter



permittedo fugir quem o desejasse, naturalmente, sentiu-se na obrigação de apresentar 'serviços' à revolução. Então, solicitou à polícia os nomes dos 'comunistas' locais. Ora, dessa relação de 'perigosos agitadores', eu não poderia escapar. Já estivera preso anteriormente. Fora acusado de ser um 'perigoso comunista' e fora processado, embora tenha sido absolvido. A 'ficha', no entanto, fica e a absolvição, neste caso, nada significa para os zelosos policiais. Assim, o criminoso pode pagar, por muitas vezes, um delito. Mas, além de tudo, era um vereador nacionalista e atuante. Comparecia aos comícios, falava na rádios e na Câmara sempre em defesa das reformas estruturais. Ainda no último comício, falara em solidariedade ao ato encampatório das refinarias particulares. Como iria, pois, escapar da lista negra policial? (RODRIGUES, 1980: 26-27)

Ele foi levado preso, junto a outras dezenas de pessoas, ao navio oceanográfico Canopus, atracado no Porto de Rio Grande, e que foi utilizado como prisão naqueles dias. Pelo fato de ser oficial militar, ficou nos camarotes de comando e não no porão junto aos outros detidos.

Ainda sobre o cerco que fizeram em sua casa e o fato de ter ido preso, comenta em suas memórias que “[...] eles fazem esse 'cartaz' deste velho calmo. Mas o medo manifestado não é de mim. Recordam-se do que se passou em 1952 e temem o povo” (RODRIGUES, 1980: 21).

A opção pelos operários da cidade

Nesta seção se analisará, de forma embrionária, o envolvimento de Rodrigues com o movimento operário de Rio Grande. Esta ação do biografado também é tão pública quanto a sua atividade político-partidária. No entanto, quando se analisa a ação de um político ligado aos movimento sociais das esquerdas daquele setor da sociedade que sofre com a dominação de setores conservadores, está-se abordando uma espécie de história dos de baixo, com um outro tipo de abordagem, a biográfica, que durante muito tempo foi usada para salientar apenas as ações dos “grandes feitos” de “grandes personagens”, mas que também se pode empreender de outras formas, como as referidas no início deste texto.

Em 1996, Schmidt, ao comentar alguns usos que estavam sendo feitos da biografia histórica, aponta como um deles o fato dos historiadores estarem buscando resgatar facetas diferenciadas de seus biografados.

[...]e não apenas, como nos trabalhos de inspiração positivista, a vida pública e os feitos notáveis. Emergem, então, em seus trabalhos, entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada, a inserção classista, política e religiosa e a vida cotidiana como espaço significativo da existência humana. (SCHMIDT, 1996, p.180)

Pode-se perceber que a “inserção classista”, em 1996, era um elemento emergente, a ser analisado, que representava uma renovação nos estudos biográficos, como uma faceta diferente das tradicionalmente analisadas em

biografias. No entanto, sabe-se que hoje isso pode não representar uma grande novidade, tendo em vista a diversidade de trabalhos biográficos já produzidos sobre o tema (inclusive os do próprio Schmidt), que demonstram a atualidade e validade do uso de uma abordagem biográfica para se pensar também o movimento operário, assim como a história do trabalho como um todo.

O episódio que será narrado, para se realizar a análise, será a greve geral contra a carestia do custo de vida no ano de 1952 em Rio Grande, referida anteriormente, na qual Athaydes começou a destacar-se como alguém representativo no meio operário, atuando como uma das principais lideranças do movimento.

Naquele ano, a população do estado do Rio Grande do Sul estava enfrentando um aumento do custo de vida. O reflexo desta carestia em Rio Grande foi o descontrole nos preços de gêneros alimentícios de primeira necessidade, como o leite, pão e a então chamada carne verde.

Em Rio Grande, comissões de “operários e populares” foram formadas para pressionarem as autoridades, negociarem organizadamente os preços, assim como fiscalizar o comércio para que os preços estipulados pelas tabelas fossem obedecidos.

No dia 10 de agosto, as comissões resolveram convocar uma greve geral para o dia seguinte. A greve ocorreu e reuniões foram realizadas o dia todo para as negociações entre a Comissão Municipal de Abastecimento e Preços (COMAP) e manifestantes. Segundo os manifestantes, aproximadamente 20 mil pessoas estavam mobilizadas na cidade, com a realização de passeatas e passagem em fábricas e comércio, momento em que se recrutavam os trabalhadores para a greve.

Durante o dia 11 de agosto, duas tabelas foram elaboradas pelas comissões e rejeitadas, começando então uma repressão às manifestações por parte da Brigada Militar, Bombeiros e Polícia Civil, que usaram jatos d’água, espancamentos, bombas de gás lacrimogêneo e prisões.

Na manhã do dia 12, a greve geral estava mantida, porém a polícia, na tentativa de conter as manifestações, havia realizado 17 prisões, daqueles considerados pelos policiais como os líderes das manifestações, entre os quais estava Athaydes.

Vários manifestantes (3 mil, segundo os próprios, e em “bastante considerável número”, segundo o jornal Rio Grande), foram até a frente da delegacia de polícia exigir a libertação dos presos. Ao que tudo indica, estes foram recebidos a jatos d’água e com ordens de dispersão. Estavam chegando ao portão do pátio da delegacia quando os policiais começaram a atirar, matando de imediato os trabalhadores Jadir Félix dos Santos (portuário),

Antonio Funchal (do Serviço Riograndino de Transportes), e Edílio Rodrigues (profissão ignorada, que faleceu horas mais tarde). Foram feridos gravemente Ramon dos Santos (ferroviário), Antonio Turnio, Ramão Robalo, Carlos Mario Oliveira e Silva, Ernesto Eston, Ernesto Dáiman Escomba e Roberto Dau, entre outros. Destes, o estudante Roberto Dau veio a falecer logo em seguida em virtude dos ferimentos, totalizando quatro mortos (Rio Grande, 12/08/1952 e 13/08/1952; O Tempo, 13/08/1952 e RIO GRANDE DO SUL).

Neste momento, Athaydes era vereador em exercício pelo PR, no entanto, assumiu diretamente, com outras pessoas, as negociações em nome das comissões de operários, que buscavam acordos com o poder público. Ele é apontado, por unanimidade das declarações, desde a imprensa, passando pela polícia, e chegando até o próprio, como o principal líder da greve.

Não se tem a data exata de quando foram soltos os detidos nos dias 11 e 12 de agosto, mas se pode perceber que isso ocorreu logo, pois em O Tempo do dia 20 de novembro, em que se publicou uma ata da Câmara de Vereadores, o vereador Athaydes Rodrigues se encontrava presente na mesma, fazendo uma denúncia e mostrando um telegrama enviado a Vargas assinado por 25 sindicatos da Venezuela “em protesto pelos acontecimentos verificados nesta cidade no 12 de agosto último, e estranhando que esse telegrama não fosse dado ao conhecimento público” (O Tempo, 20/11/1952).

No seu livro de memórias, Athaydes dedica alguns parágrafos para falar desta sua relação com o movimento operário. Não se considerava um operário explorado, mas fez a opção de se posicionar politicamente a favor destes, dentre outras possibilidades. No entanto, explica em vários trechos de seu livro (certamente de forma reorganizada e não como as coisas aconteceram de fato, mas como elas seriam explicáveis no momento em que escrevia), o porquê desta opção. A citação a seguir é um bom exemplo de como o biografado interpretou suas ações neste quesito.

Em 1952, lutava contra o governo Getúlio Vargas. Esse político, na campanha eleitoral em Rio Grande, prometeu diminuir o preço da carne verde de 6 para 4 cruzeiros, ao quilo. Depois das eleições procurara elevar o preço para dez cruzeiros. Então, o povo saiu às ruas para protestar, numa greve legal e justíssima. Meus colegas de vereança acharam que não deviam acompanhar o povo, que seus deveres eram assinalados pelo Prefeito e pela polícia. Eu pensei o contrário. Compreendi que o dever de um vereador era estar ao lado do povo. Por isso, as autoridades arbitrárias efetuaram minha prisão, juntamente com a de outros, julgados pelos policiais como sendo os líderes da greve. O povo, que não estava cometendo crime algum, e sim exercendo um direito democrático, concentrou-se em frente da delegacia de polícia para pedir a libertação dos presos. Embrutecidos e pressionados por açambarcadores, entre os quais representantes da companhia Swift, os chefes do policiamento ordenaram que atirassem no povo. (RODRIGUES, 1980, p.33)

Sobre 1964, ao ser aprisionado no Canopus, relatou a existência de vários operários também aprisionados, sempre em um tom de indignação. Não concordava que, pelo fato de terem se mobilizado pela melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e por reformas “estruturais” no país, passassem a ser acusados de comunistas depois do golpe, sem o serem, na sua imensa maioria. A seguir um parágrafo que pode elucidar melhor seus pensamentos.

Se estivéssemos numa ditadura, comunista ou não, e me convidassem para lutar contra os prepotentes, eu lutaria, embora já esteja mais velho e com pior estado de saúde. Entretanto, não vi essa ditadura nos últimos anos. Assisti a muitos comícios e disse sempre o que pensava. Tomei parte em muitas greves pacíficas. Bem poucos encarcerados soube existirem no tempo tido por eles como ditadura. Quantos presos estão por aí, nesta plena democracia que dizem estarmos vivendo? E esses presos estão sem culpa formada. Não sabem de que são acusados e nem podem receber notícias de seus familiares. A situação é, realmente, esquisita. De Rio Grande, estão presos, em sua maioria, pobres operários; simples trabalhadores que tomavam parte em movimentos reivindicatórios da classe trabalhadora. Todos são acusados de comunistas. Francamente, já não dá para saber a diferença entre comunista e democrata. (RODRIGUES, 1980: 45)

Considerações finais

Neste trabalho buscou-se caracterizar a ação e as opções políticas de Athaydes Rodrigues, em meio a um período em que teve atuação política na cidade de Rio Grande. Para isso, foram utilizados alguns referenciais teóricos que demonstrassem a interação entre sujeito e meio em que vive, no sentido de se perceber que o indivíduo possui particularidades ao mesmo tempo em que, através de suas ações, ajuda a construir o meio em que vive. Através disso, pode-se perceber o ambiente político e operário de Rio Grande com um olhar diferenciado.

No entanto, se é verdade que este ensaio biográfico serviu como um bom exercício, também foi importante para se perceber as dificuldades de construir uma narrativa que fuja aos “trilhos” históricos com destinos previamente definidos. O mapeamento do “campo de possibilidades” e o tratamento das opções tomadas pelos indivíduos parecem ser cada vez mais essenciais para sabermos sobre história, não para substituir o coletivismo extremado pelo individualismo, mas para se perceber as relações de tensão coletivas e estruturais, versus as opções pessoais, nem sempre explicáveis e justificáveis.

Na elaboração de uma pesquisa mais ampla sobre o movimento operário rio-grandino, em que o pesquisador mergulha na história de trabalhistas e comunistas, sendo obrigado, inclusive, a escrever parte considerável do texto final sobre estes dois grupos, devido à influência que exerciam, a aparição de Athaydes como ator destacado e respeitado serviu

como um rompimento de uma vertigem, cujo efeito foi fazer enxergar o que também havia de não organizado entre aqueles operários que estiveram mobilizados na Rio Grande das décadas de 1940 e 1950. O ensaio biográfico foi um exercício que sequer fez parte do texto final, mas foi vital na reescrita do mesmo, em que se buscou o que havia além das organizações, gerando uma qualidade diferente na percepção do pesquisador.

Viu-se um Athaydes que trilhou caminhos próprios, mas que também esteve próximo de anseios de grupos maiores de indivíduos. Alguém que contestou, mas que também aceitou boa parte das coisas como estavam. Foi preso “injustamente”, mas que não condenava o sistema como um todo. Em fim, um ser humano de carne e osso, exatamente como os que devemos estudar.

Fontes

RODRIGUES, Athaydes. **Agora eu... A Revolução de 1964, em Rio Grande**. 1980.

RODRIGUES, Athaydes **Entrevista sobre movimento operário em Rio Grande, por Carmem Helena Braz Mirco e José Carlos Vieira Ruivo**. Rio Grande, 1982 . (dat.)

REPRESENTAÇÃO DOS FAMILIARES DAS VÍTIMAS DE 8/1952. Secretaria de Segurança Pública. Caixa: Critério de ordenação: SOPS/RG – 1.-.1.1.1 à 1.1.381.3.1. Comissão Acervo da Luta Contra a Ditadura / **Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**.

Jornais O Tempo e Rio Grande

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.183-191.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.167-182.

LORIGA, Sabina. Ser historiador hoje. **História: debates e tendências**. Passo Fundo: PPG em História da UPF, v. 4, n.1, julho de 2003. p.23-35.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, J. (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.225-249.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografía como género historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O Biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SAN SEGUNDO, Mário. **Protesto operário, repressão policial e anticomunismo (Rio Grande, 1949, 1950 e 1952)**. Porto Alegre: Edição do Autor, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, n.6, dezembro de 1996. p.165-192.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias Históricas: o que há de novo. In: PIRES, ^a J.; GRANDA, E. A.; COSTA, F. L.; SEBRIAN, R. N. N. (orgs.). **História, linguagens, temas: escrita e ensino da História**. Guarapuava: UNICENTRO, 2006. p. 59-70.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia de vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História UNISINOS**. São Leopoldo: PPG em História da UNISINOS, vol. 8, n. 10, jul/dez de 2004. p.131-142.

Abstract: This article is a biographical essay about the labor militant Athaydes Rodrigues from the city of Rio Grande. He was a city councilman and reformed captain in the Military Police of the state of Rio Grande do Sul, and by getting involved with politics he made an option to support the labor movement which operated strongly at the port city. The trajectory of Athaydes drew attention for he had not been affiliated to the two predominant political groups of the local labor context, which were the communists and the workers. As a city councilman he was involved in the labor mobilization against the high costs of living in 1952, moment in which he was arrested, accused of being one of the main organizers of the general strike held in August. This was a moment of intense conflict which resulted in the death of laborers and a student during the demonstrations for the freedom of the prisoners. In 1964, after the civil-military coup, Athaydes was arrested and taken to the oceanographic ship Canopus, used as prison for the opponents, berthed at the bar of Rio Grande. For being an official of the Military Police, he was sent to Porto Alegre, episode narrated in his memoirs, which composes the set of primary sources analyzed in this article. During the conduct of a greater research about the workers of Rio Grande, as a means to study theoretical references on biographical and autobiographical production, this article was developed, and which is now presented for the first time as yet another aspect of the labor movements in Rio Grande of the 1950 and 1960 decades.

Keywords: Athaydes Rodrigues; biography; Labor Movement; Rio Grande.
